



# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

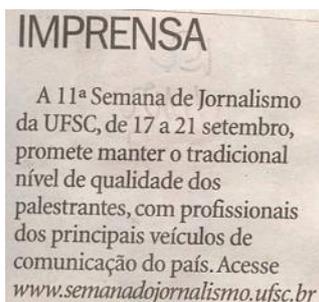


**UFSC NA MÍDIA - CLIPPING  
08 e 09 de setembro de 2012**

## Diário Catarinense - Visor

"Imprensa"

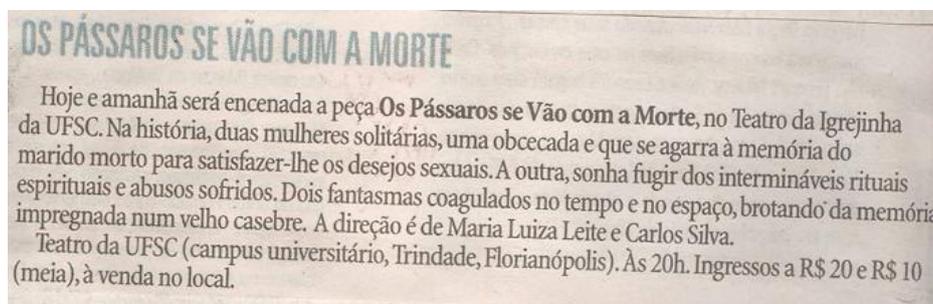
11ª Semana de Jornalismo da UFSC / Qualidade dos palestrantes



## Diário Catarinense - Agenda

"Os Pássaros se Vão Com a Morte"

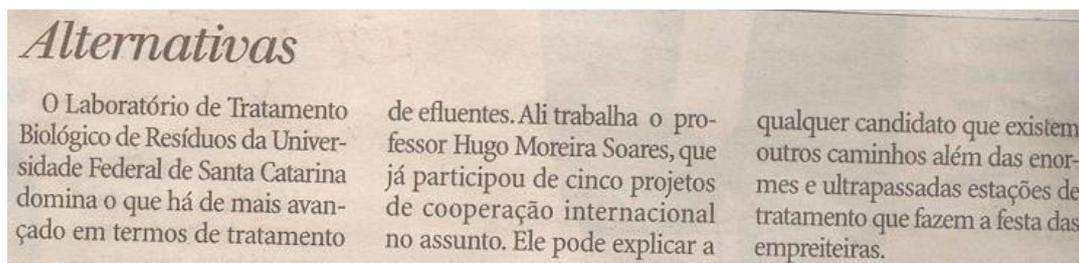
Peça *Os Pássaros se Vão Com a Morte* / Teatro da Igrejinha da UFSC



## Diário Catarinense - Cultura

"Alternativas"

Laboratório de Tratamento Biológico de Resíduos da UFSC / Professor Hugo Moreira Soares / Candidatos / Estações de tratamento



## Notícias do Dia - Serviço

"Vestibular UFSC"

Comissão Permanente do Vestibular da UFSC - Coperve / Edital do vestibular 2013



**Notícias do Dia**  
**Ricardinho Machado**

“Inimigo visível”

Paula Toller / George Israel / Bruno Fortunatto / Kid Abelha / Show / Centro de Cultura e Eventos da UFSC / Problemas no mezanino

**Inimigo visível**

Ela cantou hits, foi simpática e até elogiou a acústica do teatro no show, na última quinta-feira, para um quase lotado Centro de Cultura e Eventos da UFSC. Com os parceiros George Israel e Bruno Fortunatto, Paula Toller era só alegria ao celebrar de novo na Ilha as três décadas de longevidade da banda Kid Abelha. Talvez por isso não tenha sido apresentada aos elementos estranhos na plateia, principalmente no mezanino. Desniveis traiçoeiros nos acessos, degraus com lâminas de metal para luminosos e chapas de vidro no papel de guarda-corpo a dividir dois lances de poltronas estão evidentes. Receita para desastre: vidro e multidões não se entendem.

**Notícias do Dia**  
**Ricardinho Machado**

“Boca de Cena”

Teatro Álvaro de Carvalho / Teatro Governador Pedro Ivo / Teatro da UFSC / Teatro da Ubro / Casa do Teatro Armação / Teatro Casa das Máquinas / 19º Festival Isnard Azevedo

**Boca de cena**

Os teatros Álvaro de Carvalho, Governador Pedro Ivo, UFSC e Ubro, Casa do Teatro Armação e Casa das Máquinas estão com seus palcos prontinhos para abrigarem, simultaneamente, as peças top que compõem o 19º Festival Isnard Azevedo. Entre os próximos dias 21 e 29, uma seleção dentre as 31 montagens selecionadas para a mostra oficial desta edição do Floripa Teatro poderá também ser conferida em duas grandes lonas cobertas, uma em Ingleses e outra no Campeche.

Primórdios do cinema em Santa Catarina / Exposição *Luz e Sombra: O cinema em Santa Catarina* / Museu da Imagem e do Som – MIS / Centro Integrado de Cultura – CIC / Eduardo Paredes / Livro *Cinema em Santa Catarina* / EdUFSC / Zeca Pires Edital Catarinense de Cinema / Filme *O Preço da Ilusão* / Armando Carreirão



Plateia. Na metade do século passado, ir ao cinema era como participar de um grande evento e o público colocava a melhor roupa. A Capital daquela época tinha cinemas no Centro, como o Odeon, agora Teatro Alvaro de Carvalho

# Janelas

**Memória. A história da produção e da exibição do cinema catarinense estão reunidas em mostra no MIS**

## do mundo em SC

**CAROL MACÁRIO**  
carolmacario@noticiasdodia.com.br  
@carolmacario\_ND

O cinema em Santa Catarina no primórdio era um espetáculo quase circense. Os exibidores eram ambulantes que viajavam pelo interior do Estado e levavam na mala mais que entretenimento e modernidade tecnológica: as películas em preto e branco eram como janelas por onde os catarinenses do final do século 19 e começo do século 20 viam o mundo. Da primeira projeção, feita em 1897 na Praça 15 de Novembro, em Florianópolis, até a variada e numerosa produção audiovisual atual, o cinema em Santa Catarina tem uma história permeada por períodos de luz e sombra. Essa história está contada na exposição "Luz e Sombra: o cinema em Santa Catarina", aberta para visitação até 14 de outubro no Museu de Imagem e do Som da Capital, no CIC (Centro Integrado de Cultura).

Não há registros da primeira exibição, mas é provável que tenham sido projetadas imagens

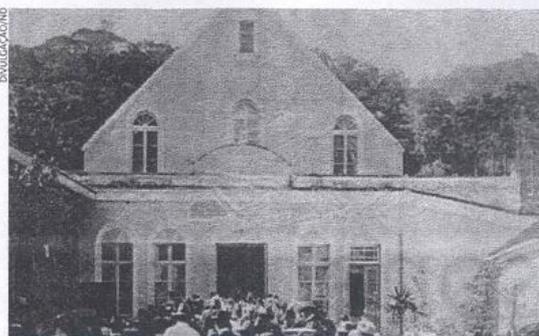
de paisagens europeias para a população curiosa da cidade. "Santa Catarina não ficou atrás do resto do Brasil no advento do cinema. A primeira projeção foi apenas um ano depois do Rio de Janeiro e dois depois da invenção dos irmãos Lumière - isso levando em conta a logística do final do século 19", conta o cineasta, jornalista e fotógrafo Eduardo Paredes.

A mostra inaugurada em julho no MIS, até então fechado para visitação pública em decorrência da reforma do CIC, apresenta numa sequência não cronológica à memória cinematográfica catarinense em dois âmbitos: o da projeção e da produção.

### PROJEÇÃO

A primeira projeção em SC ocorreu dois anos depois da invenção dos irmãos Lumière

No campo da projeção, Frederico Guilherme Busch é considerado o pioneiro. "Os irmãos Lumière doaram diretamente a ele cópias de produções francesas para serem exibidas nas primeiras salas, entre 1900 e 1910", conta Carol Gesser, 25, produtora audiovisual e autora dos "Indicadores do Cinema Catarinense", uma espécie de censo da produção estadual.



Terreno fértil. O cinema do Teatro Frohssing, em Blumenau, no Vale do Itajaí, região que inaugurou a experiência de filmar e também onde viu surgir as primeiras salas dedicadas só à arte do cinema

### Vale do Itajaí sediou as primeiras exibições

O cinema catarinense se desenvolveu primeiro no Vale do Itajaí. Foi na região colonizada por alemães onde surgiram as primeiras salas dedicadas só à exibição. "Os alemães sempre foram atentos às novas tecnologias. Por isso o Vale se destacou. O cinema catarinense teve um ganho nessa área por isso", diz Eduardo Paredes. Em Blumenau foi feita a primeira exibição em 3D de Santa Catarina, na década de 1950. Uma foto exposta no MIS mostra o público trajado com elegância usando o primeiro protótipo de óculos para filmes 3D. Naquele

tempo, assistir a um filme era um grande evento. A população separava a melhor roupa para a ocasião.

No livro "Cinema em Santa Catarina" (EdUFSC), de 1987, o cineasta Zeca Pires conta que as primeiras produções feitas no Estado começaram nos anos 1920 e 1930. "Eram cenas curtas de lugares e paisagens catarinenses, e eventos políticos e sociais", comenta Carol Gesser.

No começo do século passado, o italiano José Julianelli e o Blumenauense descendente de alemães Alfredo Baumgarten,

filmaram Blumenau, Brusque, Itajaí, Corupá e até a inauguração da ponte Hercílio Luz, em 1926. Foi só então que os catarinenses passaram a conhecer mais o Estado em que viviam. "Nessa época, o cinema era também o meio para ter acesso a informações do Brasil e do mundo", comenta Carol.

O administrador do MIS Ronaldo dos Anjos diz que as informações jornalísticas eram passadas antes da sessão. "Eram os cinejornais, que exibiam cenas do país e do mundo, chegada de políticos e eventos sociais."

# Hiatos na história

Somente no começo da década de 1920 começaram a ser feitos os primeiros vídeos com conceito no Estado. Nas duas décadas seguintes a produção é quase nula. "Existem uns hiatos na ordem cronológica da história do cinema catarinense, que eram tempos sem muita produção", observa Ronaldo dos Anjos. Ele explica que esses hiatos são reflexos do contexto político e social do Estado e do país. "As tendências sociais e políticas acompanham rigorosamente o cinema. Exatamente por isso o título da exposição no MIS é 'Sombra e Luz'", complementa.

"Santa Catarina, assim como outros estados fora do eixo Rio - São Paulo, viveu de surtos", compara o cineasta Eduardo Paredes. Esses "surtos" são classificados por ele como três grandes marcos: o primeiro é nas décadas de 50, 60 e 70, período chamado de modernismo do cinema catarinense; depois a década de 1980, com a criação da Cinemateca Catarinense; e os anos 2000, apontados como os da grande retomada da produção com filmes financiados por editais.

O Guca (Grupo Universitário de Cinema Amador) foi responsável pela agitação cinematográfica do primeiro marco da produção estadual. O Grupo era formado por estudantes universitários de engenharia e ciências sociais. "Se

envolver com cinema era uma coisa grandiosa, só os descolados, quem tinha a cabeça mais abeta e transitava pelo Rio e São Paulo e Europa faziam", salienta Paredes.

O filme "Novelo" (1969), de Gilberto Gerlach, criador do cineclube Nossa Senhora do Desterro, que funcionava no CIC até o fechamento do prédio para reforma, mostra a influência do Guca na produção estadual da época. "Entre 1956 e 1976 era período do Cinema Novo no Brasil. Mas o cinema daqui, nessa época, era mais experimental, mais a ver com o movimento francês Nouvelle Vague", assinala a pesquisadora Carol Gesser.

A década de 1980 é quando ocorre a primeira retomada da produção catarinense, com a fundação da Cinemateca Catarinense, em 1986. A associação reúne realizadores, pesquisadores e pessoas ligadas à atividade audiovisual em Santa Catarina. "Foi como uma oxigenação no cinema catarinense, com a vinda de cursos de roteiro, produção e montagem", avalia Paredes.

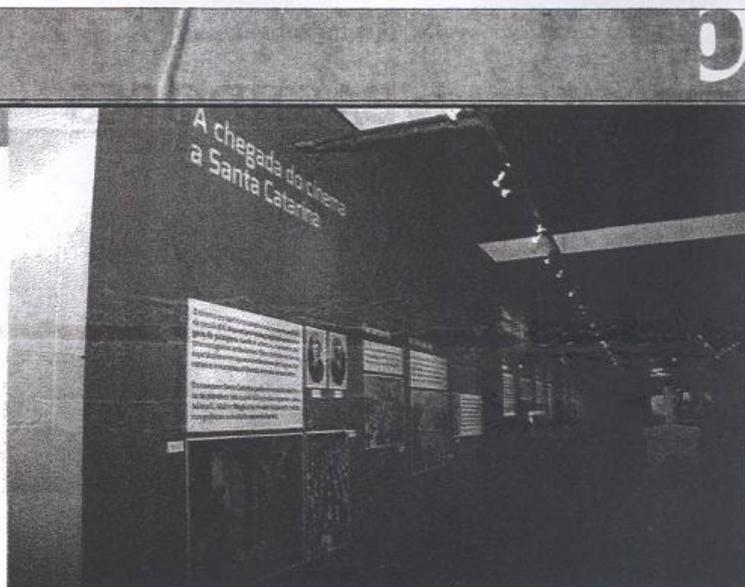
Alguns anos mais tarde, em 1992, Paredes dirigiu o longa "Desterro", premiado 19 vezes, inclusive no tradicional Festival de Cinema de Gramado - o primeiro Kikito para Santa Catarina. Seis anos mais tarde dirige "Novembrada", o filme catarinense mais premiado da história, com 21 prêmios.

## O edital e a retomada da produção

Com a criação do Edital Catarinense de Cinema em 2001, a produção audiovisual do Estado tem sua segunda retomada. "Até os anos 1990 existia uma busca por identidade catarinense. A partir de 2001, as temáticas são mais universais e interdisciplinares. Hoje está sincronizado com o Brasil todo", analisa Carol Gesser.

Na exposição, o curador Renilton Roberto da Silva Matos de Assis fez questão de exibir todos os cartazes dos filmes produzidos após o edital.

"Seo Chico - Um Retrato", de José Rafael Mamigonian, inaugurou essa nova era. "A partir do movimento da Cinemateca houve também uma descentralização do cinema, que se interiorizou e hoje existem núcleos em todas as regiões", observa Ronaldo dos Anjos. No primeiro edital de cinema foi reivindicado dinheiro extra para a aquisição de equipamentos. "Isso deu impulso e profissionalizou os cineastas", diz Eduardo Paredes. "Hoje somos autossuficientes", complementa Ronaldo dos Anjos.



Registros. A mostra resgata fatos marcantes da história do cinema como a primeira sessão em SC, em 1897, na praça 15



Sessões. Os teatros, como o da Ubro, também serviam à exibição de filmes



- **O quê:** Exposição "Luz e Sombra: o cinema em Santa Catarina"
- **Quando:** até 14/10, terça a sexta, 10h às 21h15 e sábado, domingo e feriado, 11h às 17h
- **Onde:** Sala de exposições do MIS, no CIC, av. Governador Irineu Bornhausen, 5.600, Agronômica, Florianópolis, tel. 3953-2329
- **Quanto:** Gratuito



Perda. Do primeiro longa de SC, "O Preço da Ilusão", só restam sete minutos

## Homenagem a Armando Carreirão

A exposição no MIS também presta homenagem a Armando Carreirão (1925 - 2007), considerado um dos protagonistas da produção audiovisual de Santa Catarina. "Durante décadas ele foi o principal produtor do Estado. Em torno dele gravitavam todas as pessoas interessadas em cinema", afirma Carol Gesser.

## "O Preço da Ilusão": um marco do cinema em SC

O primeiro longa-metragem de ficção feito em Santa Catarina foi "O Preço da Ilusão" (1957), de Salim Miguel, 88, e Eglê Malheiros, 84, então integrantes do Grupo Sul - movimento cultural responsável por quebrar paradigmas e trazer o modernismo para Santa Catarina nos anos 1940 e 1950. O filme até hoje é celebrado como o único genuinamente do Estado. "Esse filme é um marco", diz Eduardo Paredes. Segundo ele, a

obra é conhecida como "o filme que ninguém viu". "O lançamento foi uma decepção, porque muita gente não se viu na tela", comenta o cineasta. Dirigido por Nilton Nascimento, o filme teve sua noite de pré-estreia em 18 de setembro de 1958, no extinto cine São José, na rua Arcipreste Paiva, aos fundos da catedral.

A ficção conta duas histórias em contraponto. Numa delas, a de uma moça que quer ganhar o concurso de rainha

da praia e de um menino que sonha participar de um boi de mamão. Na outra aparece a vida de um menino de oito anos que trabalha de engraxate e vendedor ambulante.

O que aconteceu com o longa depois da primeira projeção é uma incógnita. A cópia se perdeu e o que resta hoje são apenas sete minutos. "Isso é sinônimo do descaso com nosso passado. São referenciais que se perdem", lamenta Paredes.



Marco. Carol, Ronaldo e Paredes com o cartaz do filme "Seo Chico - Um Retrato"

## Notícias do Dia

Carlos Damião

“Papo cabeça com Luiz Galvão”

Luiz Galvão / Associação dos Manezinhos / Senatus Populusque Florianopolitanus – Senadinho / Associação Amigos da Cidade / Crescimento da cidade / Restauração da Ponte Hercílio Luz / Sugestões aos candidatos à prefeitura / Futuro de Florianópolis

### Futuro de Florianópolis depende de amor e planejamento

**N**ascido em Florianópolis, economista, professor aposentado, Luiz Galvão é um dos mais ferrenhos defensores da nossa cultura. Tanto que integra a Associação dos Manezinhos, o Senatus Populusque Florianopolitanus (Senadinho) e a Associação Amigos

da Cidade. Acompanha com tristeza a lenta degradação das nossas tradições e participa de uma luta de 30 anos: a novela da restauração da Ponte Hercílio Luz. Para ele, o próximo governante da Capital precisa ser comprometido com o planejamento urbano, a competência e a honestidade.

#### ● É um desafio imenso defender Florianópolis nestes tempos de crescimento desenfreado?

É complicado. Existem muitas “forças ocultas” na Ilha, como dizia o saudoso Seixas Neto. Na prática, participamos de seminários, reuniões, debates etc., que têm por objetivos discutir e encontrar soluções para os problemas da cidade como um todo.

#### ● Como vocês estão acompanhando a questão da Ponte Hercílio Luz?

A situação do nosso patrimônio maior, do nosso símbolo, dá dó... A irresponsabilidade é enorme. São trinta anos de espera. Estamos mais esperançosos agora porque o Ministério Público está “monitorando” os trabalhos de recuperação da Bela. Por outro lado, enfatizamos que a captação de recursos através da Lei Rouanet não é a via adequada. A ponte é patrimônio nacional, portanto é de responsabilidade do governo federal. Entendemos que falta habilidade e vontade política para resolver de uma vez por todas essa questão. Na verdade,

“nunca antes neste Estado, tão poucos enganaram tantos durante tanto tempo...”.

#### ● Vocês têm algum tipo de influência na campanha eleitoral, são procurados pelos candidatos?

Não temos influência. Apenas acompanhamos os debates através da imprensa e conversamos a respeito dos assuntos tratados, dos projetos apresentados, das intervenções e respostas dadas pelos candidatos, e analisamos a participação de cada candidato. No fundo, avaliamos sua competência, o envolvimento com os problemas, interesses e as aspirações do município e, por fim, o seu “grau de amor” à cidade e se ele está preparado para enfrentar o grande desafio que é governar a Capital.

#### ● Quais as sugestões que vocês gostariam de dar aos candidatos?

Nós, manezinhos da Ilha, temos um incomensurável amor à cidade, ao povo que nela vive. A primeira sugestão é que governem com dedicação, com amor, tendo



sempre em mente que a cidade se situa praticamente numa Ilha e como tal tem que ser tratada. Florianópolis é uma joia rara. Temos que lapidá-la, torná-la cada vez mais bela. Urge resgatar nosso patrimônio histórico, artístico, cultural, ambiental. Revitalizar nossas raízes, nossas tradições. Criar mecanismos para proporcionar alegria, felicidade para o nosso povo.

#### ● O que é mais urgente, a prioridade da Capital?

Resume-se a uma palavra: planejamento. É preciso urgentemente revitalizar o nosso esquecido e competente Ipuaf. Não há necessidade de importar cérebros... A cidade conta com renomados especialistas em todas as áreas do saber. Urge valorizar a “prata da

casa”, reconstruir a Florianópolis sustentável e fazer dela uma cidade nossa, terna, genuína, e garantir qualidade de vida às gerações futuras.

#### ● Enfim, Florianópolis tem jeito?

Tem. Quem disser o contrário mente. A cidade conta com o fator principal para se desenvolver sustentavelmente: recursos humanos de alto nível. Cabe lembrar que Florianópolis possui várias universidades, faculdades e institutos de excelentes níveis, instalados na cidade e no seu entorno. Com uma equipe formada por homens e mulheres competentes, honestos, com objetivos claros, definidos, e com elevado grau de amor à cidade, não há governo que não possa oferecer à cidade e ao povo florianopolitano a qualidade de vida almejada.

"Transparência pública: SC avança na liberação de informações sobre salários"  
Salários dos servidores do estado / Lei de Acesso à Informação / Ministério Público /  
Professor da UFSC, Aires José Rover

# TRANSPARÊNCIA PÚBLICA

## SC avança na liberação de informações sobre salários

MAYARA RINALDI

mayara.rinaldi@diario.com.br

Especialistas avaliam que informações sobre servidores na internet são válidas desde que sejam de fácil acesso e entendimento

Ao alcance de três ou quatro cliques, os catarinenses têm acesso aos salários dos servidores do Estado. Desde a última quarta-feira, com a divulgação feita pelo Ministério Público, todos os poderes Santa Catarina disponibilizaram nome e remuneração de seus funcionários na internet, adequando-se a Lei de Acesso à Informação, em vigor desde o dia 17 de maio. Mas especialistas alertam que colocar as informações na internet não é sinônimo de transparência. Tudo depende da forma como os dados são oferecidos para a população. O doutor em Direito e pesquisador da área de governo aberto, Aires José Rover, lembra que essa falsa sensação de transparência acontecia com a Lei de Responsabilidade Fiscal.

— Os órgãos colocavam uma planilha extremamente sofisticada na internet que ninguém entendia — lembra o professor universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Em Santa Catarina, o governo do Estado é o único que divulga a lista com os nomes dos servi-

dores por órgão, permitindo que qualquer pessoa tenha acesso a todas as informações do funcionalismo. Na Assembleia Legislativa, Tribunal de Contas, Tribunal de Justiça, Ministério Público e Ministério Público junto ao TCE, a busca deve ser feita por servidor. Nesses casos, sem saber o nome do funcionário, o internauta não tem informação.

### Objetivo não é identificar servidores

Rover considera que por causa de uma cultura bastante fechada no país, é natural que inicialmente o acesso às informações na internet ainda não estejam completamente facilitados. Apesar disso, ele acredita que a tendência é de que os órgãos fiquem cada vez mais transparentes.

— Eu diria que a busca somente por nome de servidor é uma maneira de liberar as informações, tentando não atingir muito o direito do servidor no sentido de estar exposto. No final das contas, eu acredito que a lista é o mais correto. Mas o objetivo principal não é identificar as pessoas, é saber quantas pessoas estão ganhando quanto, a diferença de salários entre categorias — afirma o pesquisador.

Para doutor em Comunicação e professor da Universidade de Brasília (UNB), Fernando Paulino, a disseminação dos princípios de prestação de contas tendem, com o tempo, a se sobrepor a resistências culturais.

— A divulgação tem se revelado fundamental para promover a transparência na aplicação de recursos públicos e prevenção a excessos — avalia Paulino, que participa do Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas.

No Estado, sindicatos de servidores da Assembleia e do governo tentaram impedir na Justiça a divulgação dos salários na internet, mas não tiveram sucesso.

— É o que nós chamamos de *juris sperniandi*. Espernear faz parte, mas daqui a pouco o entendimento consolida. No Brasil tem lei que pega e que não pega. Essa parece que vai pegar — diz o professor Rover.

“

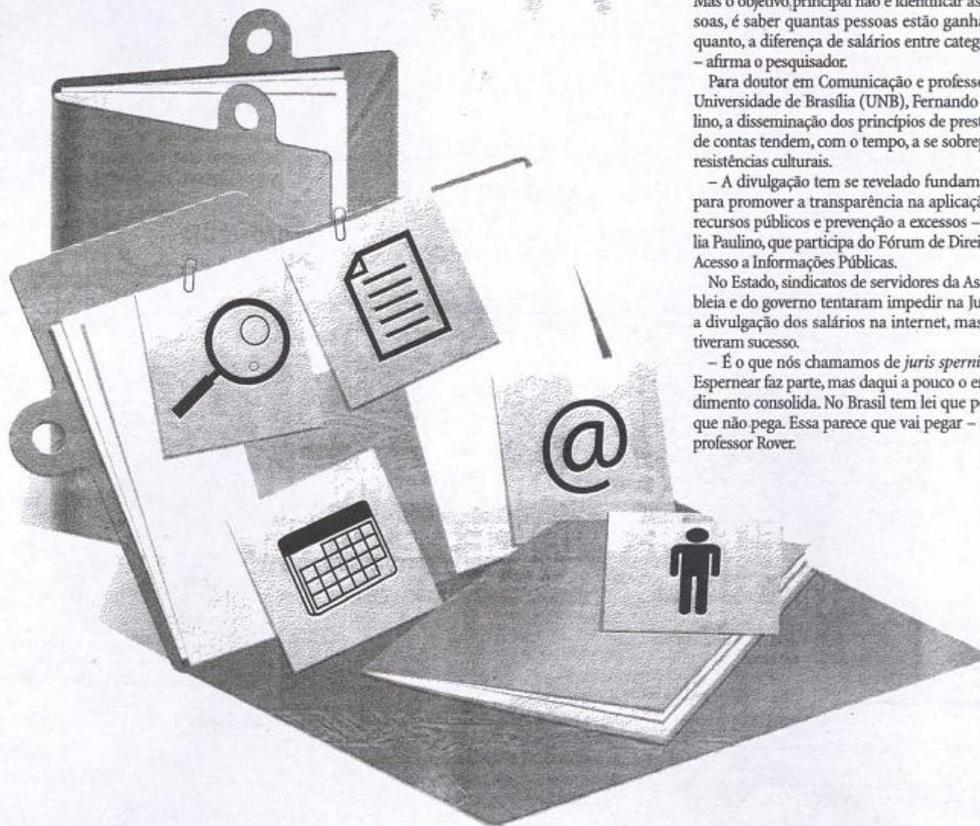
AIRES JOSÉ ROVER  
Doutor em Direito e pesquisador da área de governo aberto

*Eu diria que a busca somente por nome de servidor é uma maneira de liberar as informações, tentando não atingir muito o direito do servidor no sentido de estar exposto. No final das contas, eu acredito que a lista é o mais correto. Mas o objetivo principal não é identificar as pessoas, é saber quantas pessoas estão ganhando quanto, a diferença de salários entre categorias.*

*É o que nós chamamos de *juris sperniandi*. Espernear faz parte, mas daqui a pouco o entendimento consolida. No Brasil tem lei que pega e que não pega. Essa parece que vai pegar.*

FERNANDO PAULINO  
Doutor em Comunicação e professor da Universidade de Brasília (UNB)

*A divulgação tem se revelado fundamental para promover a transparência na aplicação de recursos públicos e prevenção a excessos.*



# A ORGANIZAÇÃO DOS DADOS PÚBLICOS EM SANTA CATARINA



Quando entrou no ar      Modelo de divulgação      Que informações estão disponíveis      Link de acesso      Número de funcionários

## ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

15 de junho      No Portal Transparência da Assembleia, o sistema de busca é por nome do servidor.      Nome do servidor, lotação do servidor, se é efetivo ou comissionado, cargo, ramal, data de ingresso do servidor no quadro de funcionários, remuneração, desconto do imposto de renda e contribuição previdenciária.      [http://transparencia.alesc.sc.gov.br/pesquisa\\_servidores.php](http://transparencia.alesc.sc.gov.br/pesquisa_servidores.php)      1,7 mil

## GOVERNO DO ESTADO

31 de julho      No Portal Transparência do governo, o sistema de busca é por órgão do Executivo. São disponibilizadas as listas com todos os funcionários de cada órgão e é possível refinar a busca por nome do servidor.      Nome do servidor, número de matrícula, carreira, cargo, lotação e cidade de atuação do servidor, carga horária, data de nomeação, remuneração básica, vantagens como gratificações, descontos e remuneração líquida.      <http://www.set.sc.gov.br/transparencia/gasto-publico/consultas/1560>      108,1 mil

## TRIBUNAL DE JUSTIÇA

8 de agosto      No Portal Transparência do TJ, o sistema de busca é por nome do servidor.      Nome, lotação, cargo, remuneração básica, vantagens pessoais, adicional por função de confiança ou cargo em comissão, descontos de imposto de renda, retenção do teto e rendimento líquido.      <http://app.tjsc.jus.br/consultarendimentos/consultarendimentos/pesquisar.action>      6,7 mil

## MINISTÉRIO PÚBLICO DE CONTAS

15 de agosto      No site do órgão, o sistema de busca é por nome do servidor.      Nome do servidor, número de matrícula, carreira, cargo, lotação e cidade de atuação do servidor, carga horária, data de nomeação, remuneração básica, vantagens como gratificações, descontos e remuneração líquida.      <http://www.mptc.sc.gov.br/default/default2.asp>      82

## TRIBUNAL DE CONTAS

23 de agosto      No Portal do Cidadão do TCE, o sistema de busca é por nome do servidor.      Nome, data admissão, cargo, remuneração básica, benefícios, descontos e salário líquido.      <http://portalocidadao.tce.sc.gov.br/sic/>      745

## MINISTÉRIO PÚBLICO

6 de setembro      No site do órgão, o sistema de busca é por nome do servidor.      Nome do servidor, número de matrícula, cargo, lotação e cidade de atuação do servidor, data de nomeação, remuneração básica, vantagens como gratificações, descontos e remuneração líquida.      [http://portal.mp.sc.gov.br/portal/webforms/transparencia/remuneracao.aspx?secao\\_id=686](http://portal.mp.sc.gov.br/portal/webforms/transparencia/remuneracao.aspx?secao_id=686)      1,1 mil

### O GOVERNO FEDERAL DEU EXEMPLO

Foi um dos primeiros a tomar a iniciativa de divulgar os salários dos servidores na internet. Os dados estão disponíveis na rede desde o final do mês de junho. O internauta pode fazer a pesquisa por órgão, por cargo ou por nome do servidor. Estão disponíveis informações como função do servidor, lotação, data de admissão, remuneração básica, vantagens e remuneração líquida. A divulgação também causou controvérsia entre os funcionários federais. Eles conseguiram uma liminar na Justiça Federal de Brasília para acabar com a publicação, mas a decisão foi suspensa pelo Supremo Tribunal Federal (STF).



### OS PROCESSOS NO SUPREMO

O Supremo Tribunal Federal (STF) divulga os salários de seus servidores e ministros desde o início de junho, atendendo à resolução do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que regulamentou a publicação das informações de todo o Judiciário. Diferentemente da Lei de Acesso à Informação, o documento do CNJ especifica que os tribunais brasileiros devem fazer a divulgação de nomes, salários e quaisquer vantagens financeiras como diárias ou gratificações. No site do STF, a pesquisa pode ser refinada por nome de servidor ou feita a partir da lista de todos os funcionários do poder.

# ANexoideias

ANOTÍCIA

DOMINGO, 9 DE SETEMBRO DE 2012

## Paulo Coelho, "Ulisses" e a experiência da leitura

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE \*

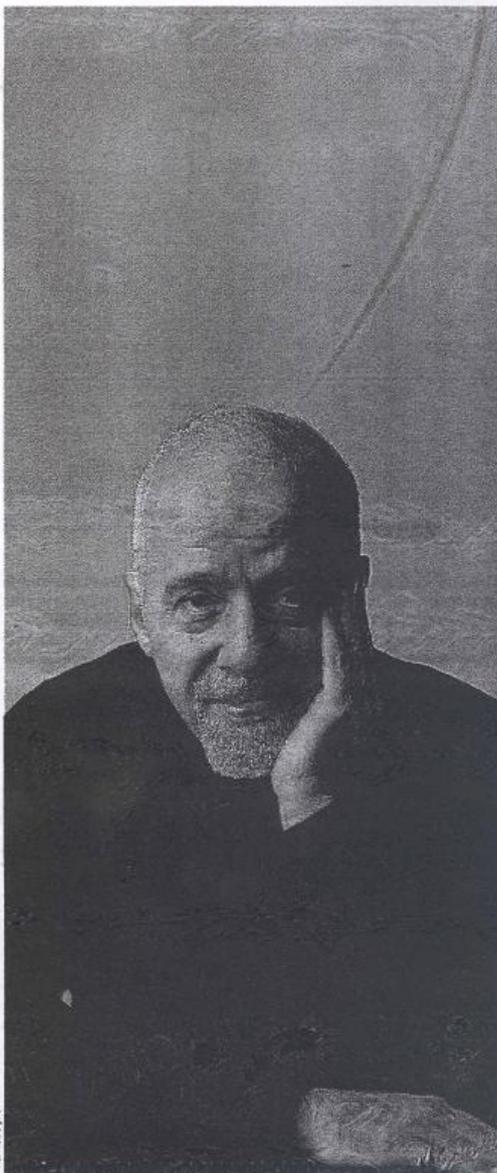
Recentemente, o escritor Paulo Coelho declarou, em entrevista ao jornal "Folha de S.Paulo", que não gostava do romance "Ulisses", do irlandês James Joyce, considerado um dos escritores mais importantes do século 20. A declaração ganhou destaque na imprensa internacional em um bom momento para Paulo Coelho, que lançou livro novo.

Não demorou muito para se criar, no Brasil, uma cisão entre joycianos apaixonados e amantes do mago (ou ex-mago) brasileiro. Embora eu mesma seja leitora de Joyce e já tenha lido anos atrás Paulo Coelho, não busco aqui confrontar a obra desses dois escritores, o intento seria absurdo, pois são obras completamente diferentes entre si, do ponto de vista estético, histórico e temático. Além disso, seria leviano de minha parte falar de Paulo Coelho, de quem li apenas dois livros, há bastante tempo, como afirmei, e dos quais guardo na memória apenas seus títulos: "Brida" e "O Diário de um Mago".

O que a polêmica traz à tona é a discussão em torno da experiência de leitura. No livro "A Experiência de Ler", o escritor irlandês C.S. Lewis afirma que o texto que o leitor tem diante de si depende exclusivamente de sua leitura, já que "deixa de existir por direito próprio e passa a constituir simples matéria-prima, um barro a partir do qual fabricam os tijolos para a sua construção." Essa tese foi bastante explorada, no século passado, por críticos refinados como Maurice Blanchot e Roland Barthes, em seu clássico ensaio "A Morte do Autor".

C.S. Lewis classifica os leitores em duas categorias: os bons e os maus leitores. Quanto aos maus leitores, Lewis opina que esses nunca leem nada que não seja narrativo, além disso, apreciariam narrativas em que o elemento verbal é "reduzido ao mínimo". O mau leitor seria ainda aquele que lê exclusivamente com os olhos. De modo que, para ele, "as mais hediondas cacofonias e os mais perfeitos exemplos de ritmo e melodia são perfeitamente iguais", nas palavras de Lewis, que compara a seguir o mau leitor ao mau ouvinte: "tal como o ouvinte sem sensibilidade musical quer apenas a 'melodia', também o leitor sem sensibilidade literária apenas quer o 'acontecimento'. Um ignora quase todos os sons que a orquestra produz, porque o que quer é traçar na melodia. O outro ignora quase tudo o que as palavras à sua frente constroem, porque o que quer é saber o que acontece a seguir."

O fato é que o leitor insensível, adverte Lewis, nunca dá às palavras mais do que o mínimo de atenção para delas extrair o aconte-



REPRODUÇÃO

tecimento, de modo que "o clichê mais banal para cada fenômeno ou emoção (emoções podem fazer parte do acontecimento) é para ele o melhor porque de imediato reconhecível." Ou seja, a boa leitura incomodaria o leitor "iliterato", por ser ou demasiadamente sóbria ou demasiadamente rica para o que ele pretende. Os leitores literatos de todas as épocas, segundo a tese de Lewis, só se deleitam com histórias de narrativas simples "porque não as apreciam de outra forma". Talvez a deficiência mais grave do mau leitor seja a de lhe "faltar a imaginação fértil, suscetível de construir (num momento) uma cena, a partir de fatos nus e crus."

Um livro como "Ulisses" requer certamente um leitor criativo ou, no mínimo, experiente, isto é, que já tenha atravessado todo tipo de texto, e que busque, além disso, no momento da leitura, algo esteticamente novo, uma nova experiência, novos desafios. Há que se deixar claro que a leitura de "Ulisses" obviamente não impedirá o leitor de voltar a ler outros textos menos experimentais.

Parece-me que "Ulisses" tornou-se, para alguns comodistas ou desinformados, o bode expiatório da literatura universal e, mais especificamente, das "temidas" vanguardas literárias do último século, do qual foi um dos emblemas, pois, como se lê em "A Teoria da Vanguarda", de Peter Bürger, a dissolução da unidade tradicional da obra é uma característica comum da modernidade, quando a "coerência e independência da obra são conscientemente colocadas em questão ou programaticamente destruídas".

O desenvolvimento da cultura, diz Bürger, citando Schiller, requer, no entanto, que o homem não fique "eternamente acorrentado a um pequeno fragmento; ouvindo eternamente o mesmo ruído monótono da roda que aciona." Diferentes experiências de leitura criam novas relações culturais.

\*Professora do curso de artes cênicas da UFSC. Coorganizou e cootraduziu, com Sérgio Medeiros, *De Santos e Sábios, uma antologia de textos estéticos e políticos de James Joyce* (Illuminuras, 2012), e *Cartas a Nora* (a ser publicado pela Illuminuras).

Capa de "Ulisses", de James Joyce: o inextinguível prazer de ler



## A Notícia - Caderno Anexoideias

"O grotesco para crianças"

Heinrich Hoffmann / João Felpudo / Cláudia Cavalcanti / Curso de Artes Cênicas da UFSC / Dirce Waltrick do Amarante

A NOTÍCIA

DOMINGO, 9 DE SETEMBRO DE 2012/3

# O grotesco para crianças

Em tempos de radicalismos politicamente corretos, livro "João Felpudo" ainda é considerado uma ousadia literária

DIRCE WALTRICK DO AMARANTE\*

**A**o ler o livro "João Felpudo", traduzido do alemão por Cláudia Cavalcanti, lembrei-me de minha avó, que narrava constantemente suas histórias surreais, as quais ela sabia de cor. Senti uma certa nostalgia da primeira infância, época em que as ideias fantasiosas, espantosas e extravagantes não são absorvidas com a culpa moralista que a escola e o mundo logo nos impõem. "João Felpudo" foi escrito pelo médico alemão Heinrich Hoffmann, para seu filho de três anos, às vésperas do Natal de 1844. O médico procurava um livro para presentear-lo, mas o que encontrou nas livrarias foram "histórias moralistas que começavam e terminavam com ameaçadoras prescrições, do tipo: 'A criança boazinha tem de ser sincera', ou: 'A criança boazinha tem de estar sempre limpa' etc."

Em "João Felpudo" lemos contos surpreendentes, como o que fala de um menino que desobedecia a mãe e colocava os dedos na boca. Certo dia, porém, o menino foi punido por um tal Conrado. "Que vai atrás, como um torpedado, do garoto chupa-dedos. Opa! Agora não há saída. Com a tesoura infanticida. Grande, brilhante e até afiada: 'Ai! Que terrível tesourada!'"

E o menino acaba sem os dedos da mão! Como não comparar os contos de Hoffmann com os poemas de Edward Lear, escritor do século 19 que também dedicou sua obra às crianças? Entre os muitos poemas bizarros que Lear escreveu, há um sobre um velho do Nilo que, ao afiar as unhas com uma serra, amputou os próprios dedos. Os contos de fadas tradicionais também trazem à tona esse universo grotesco e *nonsense*.

Em "O Junípero", dos irmãos Grimm, a madrastra decapita o enteado e, para se livrar da culpa, junta a cabeça dele ao corpo com um lenço e o põe sentado num banco. As histórias de "João Felpudo", porém, apesar de chocantes, estão entre a comédia trágica e a tragicomédia, ou seja, são mais grotescas do que violentas e assustadoras. Sabe-se que o grotesco não é apenas algo lúdico e alegre, leve e fantasioso. É algo angustiante e sinistro em face de um mundo em que as ordenações de nossa realidade estavam suspensas", afirma Wolfgang Kayser.

Diante do grotesco, prossegue Kayser, "várias sensações, contraditórias, são suscitadas: um sorriso sobre as deformidades, um asco entre o horripilante e o monstruoso em si. Como sensação fundamental, porém (...), aparece o assombro, como se o mundo estivesse saindo fora dos eixos e já não encontrássemos apoio".

Outra característica do grotesco é que seus personagens se mantêm calmos diante das torturas que sofrem. Hoffmann afirma que, apesar do sucesso do livro, "foram imputados grandes pecados a João Felpudo, criticando-se que não condizia com os contos de fadas, que os desenhos (assinados pelo próprio Hoffmann) eram grotescos demais."

A tradutora dessa nova versão de "João Felpudo" (o livro já foi traduzido por Olavo Bilac) lembra que, numa época de radicalismos politicamente corretos, a publicação não deixa de ser uma ousadia. Vladimir Nabokov dizia que o escritor não é carteiro, portanto, não precisa entregar mensagens. Não existe nada mais aborrecido, parece-me, do que ler um livro em que passarinhos e flores tomam o lugar de nossos pais e educadores e acham uma moral para tudo, à moda da Duquesa, personagem de "Alice no País das Maravilhas", de Lewis Carroll, que extraía um "ensinamento" ao final de cada sentença. Devo ressaltar que, embora minha avó tenha sido leitora ávida de Hoffmann, nunca deixou de ser ótima pessoa e sempre cultivou o humor.

\* Dirce Waltrick do Amarante é professora de artes cênicas na UFSC, autora de "As Antenas".

REPRODUÇÃO



OBRA

Reprodução de ilustração de Arthur Rackham presente no livro "Contos dos Irmãos Grimm do Caracol: Notas Sobre Literatura Infanto-juvenil"

# CLIPPING DIGITAL

**09/09/2012**

[SC: candidatos em exame da OAB chegam cedo para evitar trânsito](#)